

DOI: 10.20911/21799024v14n2p73/2023

A superabundância da graça em Rm 5,12-21: potencialização do humano para o bem

Elias Fernandes Pinto¹

Resumo: O presente artigo trata do tema da superabundância da Graça a partir de Rm 5,12-21. A perícopes destaca de modo veemente a unicidade de Jesus Cristo e sua salvação para o ser humano. Partiremos de uma análise preliminar da Carta aos Romanos apresentando as questões de autoria, datação e destinatários. Em seguida, apresentaremos a estruturação da perícopes, notas da crítica textual e uma sucinta análise formal. Por fim, apresentaremos um comentário teológico do texto no qual destacaremos o tema da superabundância da Graça em relação ao pecado que potencializa o ser humano para o bem.

Palavras-chave: Carta aos Romanos. Jesus Cristo. Graça. Salvação Cristã.

Abstract: This article deals with the theme of the superabundance of Grace from Rm 5:12-21. The pericope vehemently highlights the uniqueness of Jesus Christ and his salvation for human beings. We will start with a preliminary analysis of the Letter to the Romans, presenting the issues of authorship, dating and recipients. Next, we will present the structuring of the pericope, notes from textual criticism and a succinct formal analysis. Finally, we will present a theological commentary on the text in which we will highlight the theme of the superabundance of Grace in relation to sin that empowers human beings for good.

Keywords: Letter to the Romans. Jesus Christ. Grace. Christian Salvation.

¹ Doutorando em Teologia Sistemática pela FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. A pesquisa versa sobre a antropologia cristã com ênfase da Teologia da Graça nos autores Juan Luis Segundo e José Ignacio González Faus. Apoio FAPEMIG. Email: efpelias@outlook.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5462-6004>.

Introdução

A carta aos Romanos é um texto extremamente lógico. Por isso, cada versículo, capítulo e perícopes estão interligados. Nosso objetivo será, a partir de Rm 5,12-21, apresentar a superabundância da Graça sobre toda situação de pecado que o ser humano possa se encontrar. Destacaremos a unicidade e universalidade de Jesus Cristo e sua salvação para o ser humano. A partir de Jesus, para Paulo, inicia uma nova história para a humanidade marcada pela Graça.

Em nossa abordagem seguiremos, basicamente, a interpretação de Romano Penna, na obra *Carta a los Romanos: introducción, versión y comentario*. Outros autores, como J. Dunn e J. A. Fitzmyer também serão usados como suporte teórico. Destacaremos a última parte do artigo onde se encontra o comentário teológico sobre a perícopes escolhida.

Rm 5,12-21 será lido como conclusão da seção anterior na carta. O fato de sermos justificados pela fé em Jesus Cristo significa que algo foi realizado por Ele que tem efeito universal. Por isso, a partir da universalidade de Cristo que precisamos ler a antítese que o autor da carta apresenta: o pecado de Adão. A oposição entre Adão em Jesus Cristo tende necessariamente a dizer a superabundância da obra salvadora de Jesus Cristo.

1. A carta aos Romanos: autoria, datação e destinatários

Conforme as normas da epistolografia² antiga, a identidade do remetente se declara desde o *incipit* da carta ou ao menos ao que se refere a seu nome (PENNA, 2013, p. 43). Por isso, logo de início, encontramos a identificação de Paulo como o autor da carta (Rm 1,1). A tradição dos manuscritos atesta oito formas diferentes de Romanos. No entanto, hoje, os biblistas são unânimes em achar que a carta escrita por Paulo continha de 1,1 a 16,23. Há uma dúvida quanto a 16,24, mas nenhuma sobre a Doxologia final (16,25-27), pois razões de conteúdo, estilo e prática epistolar concorrem para tornar improvável que Paulo fosse seu autor³ (MURPHY-O'CONNOR, 2015, p. 328).

O tempo da composição está vinculado com a biografia do Apóstolo, cuja morte se pode datar no arco de 58 a 68. Tendo em conta que Paulo deve ter chegado em Roma ao menos dois anos antes de sua morte (At 29,30), e que a carta foi composta pouco antes dele partir de Corinto rumo à Jerusalém, na terceira viagem missionária, a composição da carta deve ter acontecido entre o final de 54 e princípio de 55 ou final de 57 e início de 58 (PENNA, 2013, p. 55). O local mais provável de onde o Apóstolo escreveu a carta é a Ilíria, ponto mais próximo

² É claro que Romanos é uma carta. A questão do gênero epistolar é amplamente debatida. Sobre esta questão, *vide*: PENNA, 2013, p. 60-68.

³ Sobre esta problemática, Murphy-O'connor cita: ELIOT, J. K., *The Language and Style of the Concluding Theology at the End of Romans*. ZNW 72, 1981, p. 124-130; DUNN, James D. G. *Romans 1-8*. Dallas: Word Books, 1988, p. 913-916. (Word biblical commentary; 38A); FITZMYER, Joseph A. *Romans: a new translation with introduction and commentary*. New York: Doubleday, 1993. p. 753 (The Anchor Bible; 33).

de Roma. Não era costume escrever de lugares distantes, devido às dificuldades de envio (MAZZAROLLO, 2006, p. 21).

Romanos tem um destino público, posto que é dirigida a destinatários que formavam parte de uma sociedade muito concreta. Estes destinatários, e a situação que lhes é própria, devem ser identificados tomando como base tanto o texto da carta como notícias exteriores ao texto. Para isso, é necessário considerar a fisionomia da Igreja de Roma, suas origens e sua composição interna (PENNA, 2013, p. 25).

A fonte mais antiga e explícita sobre a origem da comunidade cristã de Roma remonta a Irineu, bispo de Lyon, século II, e diz que a Igreja de Roma foi fundada e estabelecida pelos gloriosíssimos apóstolos, Pedro e Paulo (IRINEU, *Contra as heresias*, 3,3.2). No entanto, esta informação só tem valor encomiástico. Os cristãos já estavam presentes em Roma muito antes que Paulo escrevesse esta carta. É certo que Pedro esteve em Roma e ali sofreu o martírio, mas não se sabe quando ele chegou. “O primeiro anúncio do evangelho na capital do império se tem de vincular, portanto, a outras pessoas, anônimas e desconhecidas” (PENNA, 2013, p. 27).

Estes fundadores devem ser identificados ou como judeus crentes em Cristo, bem como mercadores e escravos, ou como judeus romanos (IRINEU, *Contra as heresias*, 2,10). Importante que o ambiente originário da fé cristã em Roma não deve ser situado na sociedade pagã do momento, mas no seio do judaísmo (PENNA, 2013, p. 27).

O argumento principal da carta versa sobre a temática da confrontação da fé cristã com o judaísmo, como a relação fé e lei, que necessariamente reflete a fisionomia religiosa da comunidade destinatária. Portanto, o judaísmo não é só a matriz do cristianismo romano, mas também seu primeiro ambiente vital (PENNA, 2013, p. 29-30)⁴.

Romano Penna não abraça a tese segundo a qual, por uma parte, os destinatários da carta teriam sido só ou predominantemente os gentios que passaram pela adesão ao judaísmo. Se pode contar com judeus e gentios convertidos ao cristianismo e gentios judaizantes convertidos ao seguimento de Jesus (PENNA, 2013, p. 32). A própria carta nos ajuda a considerar esta hipótese (Rm 1,2)⁵. A situação da comunidade romana, marcada pelo judaísmo, tem também como causa o fato de que não foi Paulo que a evangelizou. Por isso, desde o início, Paulo está preocupado com a confissão de fé cristológica (1,3b-4a). Nesse texto, observa-se, claramente, uma confissão de fé judeu-cristã.

Além disso, se pode destacar que o tema da Lei é tratado de forma peculiar no corpo da carta. Paulo se apresenta como conhecedor de que está se dirigindo a pessoas versadas na Lei a qual deve ser entendida como Lei Mosaica (7,1). A argumentação Paulina está em dizer que a Lei atingiu seu pleno cumprimento

4 Sobre este tema, Romano Penna cita: BROWN, R.; MEIER, J. P. *Antiochia e Roma, chiese-madri della cattolicità antica*. Asís: Cittadella, 1987, pp. 114-128 y 129-155.

5 Outros elementos da carta destacam a hipótese de Penna: o conceito de “instrumento de expiação” (3,25), termo de origem cultural e totalmente inusitado em Paulo; a referência a história exemplar de Abrão (c. 4); a figura de Adão como tipo de Cristo (5,12-21); as declarações positivas da Lei (7,12.14) e outros (PENNA, 2013, p. 32).

em Jesus, mas nunca é superada nas cartas protopaulinas. Observa-se que o apóstolo dos gentios também ele mostra parcialmente a excelência da Lei (2,13; 3;31; 7,10; 7,12.14.16). No entanto, Paulo está certo de que a fé é uma alternativa às obras da Lei (3,28) e que Cristo é uma alternativa à Lei mesma (7,2-6; 9,30-10,13) (PENNA, 2013, p.35-37).

A configuração sociorreligiosa do cristianismo romano nos leva a incluir mais de uma igreja⁶, isto é, mais de uma agrupação (PENNA, 2013, p. 37-42). A motivação que levou Paulo a escrever a carta é bem complexa. Um marco decisivo nesta questão se deu com a pesquisa de F. C. Baur, da Universidade de Tubinga. Ele se serviu da visão da história, elaborada pela universidade citada, que via o desenvolvimento do protocristianismo como uma tensão dialética entre judaísmo e paulinismo, com uma posição intermediária do petrinismo. Em concreto, Baur considera que Paulo escreveu a carta convidando os cristãos de Roma a se abrirem para a universalidade do Evangelho.

Embora Paulo não tenha sido fundador da comunidade de Roma, percebe-se três elementos da situação interna desta comunidade que podem ter o levado a escrever a carta. O primeiro, mais evidente, a tensão entre “débeis” e “fortes” em 14,1-15,13. Paulo intervém com autoridade convidando todos a comunhão. O segundo, quando Paulo convida os Romanos a submeterem-se às autoridades constituídas, como se entre eles houvesse poderes que ele não aprovasse (13,1-7). Terceiro, o mais importante, onde Paulo faz referência a cristãos, certamente romanos, que o caluniavam dizendo que ele propunha uma tese laxista no plano moral (3,8). Outra hipótese, seria a motivação pessoal de Paulo. Ele mesmo afirma que tinha o desejo de visitar Roma (1,3;15,23). Esta informação nos fala de seu desejo de estabelecer um contato com Roma e com os cristãos nela residentes (PENNA, 2013, p. 47-54).

2. A perícopes: notas da crítica textual, estrutura e análise formal

¹²Por isso, como o pecado entrou no mundo por um só homem e, por meio do pecado, a morte, assim também a morte passou a toda a humanidade, porque todos pecaram. ¹³De fato, antes de ser dada a Lei, já havia pecado no mundo, mas o pecado não pode ser imputado quando não há lei. ¹⁴No entanto, a morte reinou de Adão a Moisés, mesmo sobre os que não pecaram à maneira da transgressão de Adão, o qual é figura daquele que havia de vir. ¹⁵Entretanto, o dom da graça não é como a transgressão. Com efeito, se pela transgressão de um só muitos morreram, muito mais abundou sobre muitos a graça de Deus, concedida na graça de um só homem, Jesus Cristo. ¹⁶No caso do dom, não é como no caso do pecado de um só: enquanto o julgamento de um só é em vista da condenação, o dom da graça a partir de muitas transgressões é em vista da justificação. ¹⁷Com efeito, se pela transgressão de um só, a morte começou a reinar, muito mais reinarão na vida aqueles que recebem, pela mediação de um só, Jesus Cristo, a graça e o dom da justiça. ¹⁸Portanto, como pela transgressão de um só, a condenação se estendeu a todos os seres humanos, assim

6 Paulo não faz referência a nenhum edifício de culto próprio dos cristãos. O termo *ekklesia*, antes do século III, não designa edifício, mas denota grupos de Igrejas domésticas (PENNA, 2013, p. 38-39).

pelo ato de justiça de um só, estendeu-se a todos a justificação que dá a vida. ¹⁹Com efeito, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, pela obediência de um só, muitos se tornarão justos. ²⁰Quanto à Lei, ela interveio para que aumentasse a transgressão. Onde, porém, aumentou o pecado, superabundou a graça. ²¹Assim como o pecado reinou pela morte, também a graça reine pela justiça, para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor (Rm 5,12-21)⁷.

Notas da crítica textual: Segundo Penna (2013, p. 433-434), apesar da complexidade semântica da passagem, a tradição manuscrita não testemunha muitas importantes variantes textuais. No v. 12, uma série de testemunhos omitem a menção de *thánatos*, morte: D F G 2495, vetus ítala, Ambrosiaster. Mas, a omissão não muda o sentido da frase. No v. 14 temos a variante mais importante: a omissão da partícula negativa, *mḗ, não*. Está documentada em alguns códigos minúsculos (Gregos: 614, 1730*; Latinos d*, m), Orígenes, Ambrosiaster o qual em seu comentário também cita Tertuliano, Vitorino, Cipriano). A frase ficaria assim: “[...] também sobre aqueles que haviam pecado” (5,14). No entanto, a outra leitura, presente na maior parte da tradição, é de fato mais segura⁸.

Em relação à tradução interlinear, a bíblia de Jerusalém, da CNBB, e o Novo Testamento das Paulinas⁹ acrescentam nos versículos 12 e 15 o “só” de “por um só homem” e “de um só homem”. Nos vv. 15.18 a bíblia de Jerusalém substitui transgressão por *falta*. A tradução das paulinas, nos vv. 15 e 16 usa o termo atos de graça, enquanto a interlinear usa “dom”. No v. 15, a tradução das paulinas usa “*todos* morreram” e, referindo-se a graça, superabundou para *todos*. A bíblia de Jerusalém, traduz por multidão colocando uma nota explicando que tal palavra significa todos. No entanto, a interlinear traduz os dois casos por “*muitos*”.

Estrutura: Para Dunn (1988, p. 271), esta perícopé é evidentemente pretendida como uma conclusão para toda a seção de abertura (1,18-5,21). Romano Penna cita a posição de diversos autores em relação à contextualização da perícopé no todo da carta. Na sua opinião, o c. 5 é o vértice conclusivo da argumentação iniciada em 3,21. Ele concorda com a posição de Dunn e acrescenta que 5,12-21 evoca a geral condição de pecado esboçada em 1,18. Se dá também um certo paralelismo com 3,9-20 (PENNA, 2013, p. 437-438).

Do ponto de vista da estrutura interna, a perícopé pode ser dividida de diversas formas. Entre os autores, percebemos duas maneiras fundamentais. Uns pretendem ver o texto como uma estrutura circular, embora concretizadas de formas distintas. Nesta visão, o texto começa e termina de forma semelhante e teria em seu centro uma ou mais afirmações principais. Outros autores preferem falar de uma argumentação com etapas consecutivas, mais ou menos progressivas¹⁰. Para Romano Penna há quatro momentos ascendentes: a) v. 12:

7 CARTA aos romanos. In: BÍBLIA Sagrada: tradução oficial da CNBB. 3.ed. Brasília: CNBB, 2019.

8 Outras variações que não alteram o significado do texto, *vide*: Penna (2013, p. 433-434)

9 Somente estas traduções foram comparadas.

10 Há quem fala de duas seções: a) vv. 12-14: o reino do pecado e da morte; b) vv.14-21: a passagem à situação

esboço de uma comparação deixando claro que vai tratar de confrontação entre pecado e graça; b) vv.13-14: pequena digressão; c) vv. 15-17: contraposição entre Adão e Cristo; d) vv.18-21: conclusão a qual é totalmente favorável à graça divina. Em especial, os vv. 20-21 servem se transição para a seção seguinte (PENNA, 2013, p. 438-439).

Análise formal: de imediato percebemos o abandono da primeira pessoa do plural o qual só aparece no v. 21. Se usa a terceira pessoa do singular ou plural: sinal evidente de um discurso de *tratado*. A comparação entre Adão e Cristo (vv. 13.14. e 15.17.21) que predomina toda a passagem é classificada retoricamente ao estilo grego *sýnkrisis*, confrontação. Observa-se outras contraposições, como: o pronome numeral “um só”, *heís* (vv. 12,15.16.17.18.19, com os adjetivos “todos/muitos”, *pántes/polloí* (vv. 12.18.15.16.19). Nos versículos 17-19 encontramos a antítese vida e morte. Nos versículos 19-21 a antítese é a desobediência de Adão e a obediência de Jesus.

Além da confrontação, encontramos outros procedimentos retóricos. O mais importante é a argumentação *a fortiori*, encontrada nos vv. 9-11, que é uma forma de paralelismo com clímax ou ascendente, também chamado esquema de conexão por dissociação. Daqui se deduz que a comparação entre Adão e Cristo apresenta um desequilíbrio radical a favor do segundo, sobre o qual converge a atenção principal. Adão é ponto de partida literário. Também encontramos a prosopopeia ou personificação. Realidades abstratas como, pecado, morte, graça, dom da graça são personificados e convertidos em sujeito de verbos de ação (PENNA, 2013, p. 434-436).

3. Rm 5,12-21: a superabundância da Graça

Na perícope, Adão denota toda a humanidade. Paulo retoma a história humana em duas figuras arquetípicas: Adão e Cristo. Notemos o duplo “todos” de 5,18. Pode-se dizer que esta é a versão paulina da memorável escolha entre vida e morte oferecida a Israel no clímax da Aliança deuteronômica (Dt 30,15-20) (DUNN, 2003, p. 130).

O v. 12 abre a nova perícope com uma conclusão: *dià toûto*, portanto. Isso denota que a nova seção está dentro da argumentação anterior e que os vv. 12-21 conservam o mesmo corte cristológico de 5,1-11 e acentua o que realizou Jesus Cristo e não o pecado realizado por Adão. Com o comparativo *hósper*, como, Paulo coloca o primeiro elemento da comparação. A primeira afirmação fundamental está em dizer que o pecado entrou no mundo por um só homem. Percebe-se claramente nestas palavras a alusão a Gn 2-3. Porém, a alusão de Paulo é antropológica. Ele não se refere ao local, à serpente, à Eva e ao diabo. A concentração cristológica do discurso fez com que o Apóstolo concentrasse atenção sobre um antônimo, único e responsável pela perdição. No entanto, o

marcada pela graça. Há quem fala de três seções: a) vv. 12-14: a humanidade sem a graça; b) vv. 15-17: se marcam a diferença entre Cristo e Adão; c) 18-21: apresenta as consequências; Há quem fala em cinco seções: a) v. 12: início de uma comparação deixada em suspense; b) vv. 13-14: breve *excusus*; c) vv. 15-17: retoma a comparação inicial; d) 18-19: conclui a comparação afirmando o trínfo da graça; e) vv. 20-21: desenvolve a questão da Lei.

judaísmo da época não reconhecia a Adão uma função de origem de pecado no mundo. Geralmente, a adamologia judia entendia Gn 3 mais como um relato paradigmático que etiológico. Neste sentido, cada ser humano se converte em Adão para si mesmo. Outra explicação judia da origem do mal é a versão que atribuía esse feito aos anjos malvados. Neste caso, o original de Paulo no v. 12 é atribuir o pecado a própria humanidade e não a causas meta-históricas (PENNA, 2013, p. 439-442).

O pecado que v. 12 trata, certamente, é o da transgressão realizada pelo primeiro homem (v. 14). O texto diz de uma personificação que “entrou no mundo”, posto que por seu meio a morte não se limitou a Adão. Evidentemente, percebe-se também uma dimensão suprapessoal, como se tratasse de um poder opressor. Ademais, em Rm 3,9, Paulo já havia declarado que todos pecaram¹¹. A menção ao mundo não parece aludir a consequências cosmológicas do pecado de Adão, mas que a humanidade inteira pecou, posto que a continuação do texto fala só dos homens.

Em seguida, Paulo afirma que por meio do pecado, a morte estendeu a todo ser humano. Entra em cena um novo sujeito: a morte, apresentada como consequência do pecado¹². Isso se subentende em Sb 2,23-24. Para o apóstolo, a morte reinou também sobre aqueles que não cometeram transgressões de nenhum mandamento explícito (5,14); o pecado reinou na morte (5,21); e a morte é o salário do pecado (6,23). Podemos nos perguntar o que se entende por morte neste contexto.

Em Rm 5,12-21, o apóstolo não está contrapondo morte e ressurreição dos mortos, como em 1Cor 15,21-22, mas está exaltando a obra redentora de Cristo, cujos efeitos são a justificação, a reconciliação, a graça e a vida eterna. Logo, a semântica da morte, embora implique uma dimensão física, não se limita a ela, pois também se estende ao plano da interioridade e sobretudo a comunhão pessoal com Deus. Isso será claro no v. 21 onde a morte não contrapõe simplesmente a vida, mas a vida eterna¹³. “A morte é o último e pior efeito do pecado. A mesma coisa emerge da ligação igualmente estreita entre Adão e morte: a morte é a sorte da humanidade adâmica” (DUNN, 2003, p. 164).

O v. 12 conclui com a célebre frase: “porque todos pecaram”. Paulo está retomando a afirmação de 3,9: “todos pecaram e estão privados da glória de Deus”. Para Penna (2013, p. 444), o apóstolo entende duplamente o ser humano como culpável: enquanto autor do pecado e como vítima de um pecado que o supera. Em todo caso, é preciso dizer que aqui não tem nenhuma conexão com Adão e que por isso a afirmação sobre a universalidade dos atos pecaminosos por parte de todos e cada um dos seres humanos não causa nenhum problema.

11 Paulo trabalha com um conceito muito complexo de pecado. Ele introduz a noção de pecado, *hamartia*, como poder personificante (5,12;5,21). O pecado é “calculado” como estatística (5,13). O pecado aumenta e cresce (5,20) (DUNN, 2003, p. 132). Para maior aprofundamento, *vide*, (DUNN, 2003, p. 138-166).

12 Romanos é o escrito do NT que mais fala de *thánatos* (22 vezes). É o escrito que mais menciona o pecado, *hamartía* (48 vezes).

13 Dunn destaca que a morte é consequência da vida vivida “na carne”, sob influência das paixões pecaminosas (Rm 7,5), sob influência da mentalidade da carne (Rm 8,6). Paulo conhecia a naturalidade da morte, mas como no seu discurso sobre a carne, também aqui predomina o sentido de morte como força negativa (DUNN, 2003, p. 164). Para aprofundar a questão sobre a relação entre pecado e morte em Paulo, *vide*: (DUNN, 2003, p. 163-166).

Toda questão exegética e hermenêutica se apoia, pelo contrário, na interpretação da construção *ef'hô*, com a qual se explica essa universalidade¹⁴.

A questão polêmica que se tem que esclarecer é se o sintagma deve ser entendido como complemento relativo (sobre o qual, tomando como base o qual), ou como uma expressão adverbial com valor de conjunção. Paulo não diz *em hô*, no qual, nem *di'hoû*, mediante o qual, nem *ex hoû*, do qual, a partir do qual. Se, em todo caso, tratasse de um pronome relativo, deveríamos pensar que *hô*, seria um pronome masculino e que, segundo o texto epistolar, deveria referir-se ao pronome masculino mais próximo, isto é, a morte, e não a Adão. Isto porque no grego, *thánatos*, morte é masculino. A antiga exegese dos padres latinos, sobretudo a partir de Agostinho, mas também São Tomás e o Concílio de Trento, dependeu da versão da Vulgata que lia *in quo*, no qual, e referiam diretamente a Adão.

A posição de Romano Penna é que o sintagma paulino está construído não no masculino, mas no neutro e que tem valor não de complemento relativo, mas de conjunção seja qual for seu matiz semântico. Mas, para ele, *ef'hô* tem o valor causal, porque. Penna enumera três razões para sua posição: primeiro, este significado está presente em testemunhos antigos e em outros textos paulinos (2Cor 5,4; Fl 3,12; 4,10); segundo, o sentido consecutivo não se mistura aos versículos que seguem (vv. 13-14)¹⁵; terceiro, o período inteiro requer considerar que, o mesmo pecado de um só está na origem da extensão da morte a todos (vv. 12a-b; 15b), assim também, os pecados de todos estão igualmente na origem da morte, embora os termos estejam invertidos em v. 12d-c: *hemarton* como causa de *thánatos*, não no sentido que os pecados dos descendentes de Adão sejam causa, igual e autônoma, da morte e do pecado de Adão, mas no sentido que no pecado dos descendentes atua de algum modo o pecado do progenitor. Por isso, o pecado é que produz a morte, e não vice-versa (PENNA, 2013, p. 445-447).

Não se pode objetar que o sentido causal tenderia a eliminar a responsabilidade originária de Adão, posto que o texto mesmo, com forte acento posto sobre "um só homem" indica de modo suficientemente claro que na origem dos pecados pessoais, e como explicação destes, se encontra o pecado de Adão. Certamente, o apóstolo não está interessado em precisar como se transmite eventualmente o pecado de Adão, nem descrever sobre a natureza da liberdade humana. O verbo "pecaram" refere mais a atos que estado. Ademais, Paulo não está interessado em explicar a presença do pecado no mundo, mas de dizer que a humanidade está numa situação de pecado e de morte (dirá isso no v. 19) a qual não podem sair senão por obra de Jesus Cristo (PENNA, 2013, p. 445-448).

14 Romano Penna destaca que sua versão já é uma escolha e apresenta referências de outras possibilidades de interpretação: "Cranfield I, 274-281, Fitzmyer 494-498; sobre todo J. A. Fitzmyer, "The Consecutive Meaning of *ef'hô*; in Romans 5:12", en NTS 39 (1993) 321-339, especialmente p. 322-328; Aletti, Romaini 5,12-21, pp. 14-18; A. Pitta, "La concezione paolina del peccato originale: 1 Cor 15,21-49; Rm 5,12-21", en *Il paradosso della croce*, Casale Monferrato 1998, 195-224, especialmente pp. 211-217" (PENNA, 2013, nota de rodapé 486, p. 444)

15 Estes versículos não querem explicar uma consequência, mas uma situação universal a qual nenhum período da história pode subtrair-se (ALETTI Apud PENNA 2013, p. 447).

Os vv. 13-14 chegam como um parêntese explicativo do que foi dito. Surge a ideia de Lei, fundamental para o judeu, a qual é adicionada como terceiro conceito, aos de pecado e morte (v. 12). Paulo já havia dito que com a Lei se dá o reconhecimento do pecado (3,20)¹⁶. “Em resumo, nos vv. 13-14 Paulo diz que a chegada da Lei não mudou em nada a situação do ser humano, nem enquanto ao pecado, nem enquanto a morte, e isto sem distinção entre judeus e gentis” (PENNA, 2013, p. 449-450). A especificação temporal, “até a Lei” esboça uma divisão da história da salvação em três tempos: de Adão até Moisés; de Moisés até Jesus Cristo e de Jesus Cristo em diante. Com isso, Paulo retoma o enunciado de Gl 3,15-4,7, mas de um ponto de partida mais universal: de Adão e não de Abraão.

Nos vv. 15-17 temos a confrontação que foi vislumbrada antes. A sintaxe argumentativa do conjunto está construída sobre duas negações comparativas: “não como” (vv. 15.16), as quais segue uma proposição introduzida pela conjunção afirmativa “pois”, que expõe o argumento *a fortiori*: se a morte reinou por um só, muito mais os homens reinarão na vida somente por Jesus Cristo (v. 17). O acento recai totalmente sobre Jesus Cristo. Inclusive desaparece o nome próprio Adão e aparecem duas vezes o nome Jesus Cristo (vv. 16-17).

O v. 15 começa com declaração com alcance de tese: o dom da graça não é como a transgressão. A oposição se dá entre *paráptōma*, que indica a ideia de uma queda e *chárisma*, fazer algo gratuitamente. Paulo propõe um paralelismo antitético com contrastes radicais. A comparação se dá entre dados totalmente heterogêneos: o fator principal da incompatibilidade se apoia na contraposição entre uma queda concreta e uma multiplicidade de quedas e o fato paradoxo em virtude do qual o juízo sobre elas só levou à condenação, à morte, e pelo contrário, sobre elas recaiu, inesperadamente, um juízo de graça que provocou um surpreendente ato de justificação.

A justificação, *dikaiōsis*, pode indicar não só o ato de fazer justo, mas certamente a sentença da justificação, e, portanto, o âmbito de retidão: o dom da justiça do v. 17. A segunda proposição do v. 17 expressa um verdadeiro *novum* dentro da argumentação em curso: a menção do “um só, Jesus Cristo” mantém a confrontação com Adão, mesmo que a partir do v. 15 o nome deste desapareça indicando que Jesus passara a ocupar o “só” de todo o campo.

Os vv. 18-19 constituem uma unidade independente. Do ponto de vista de conteúdo prossegue com a confrontação entre dois indivíduos. Praticamente, os versículos recapitulam o discurso feito até aqui. O último elemento do v. 19 adiciona a repercussão dos atos de desobediência e obediência. Há uma clara oposição entre pecadores e justos.

Os vv. 20-21 parecem ter uma formulação própria, dada a imprevista retomada do tema da Lei no v. 20 que estava abandonado desde o v. 13. O v. 20 expõe uma oposição de caráter mais geral entre Lei e Graça que serve de introdução à última comparação no v. 21 entre os binômios pecado-morte e gra-

16 O caráter moral dos atos não depende só da Lei Mosaica, mas também da Lei inscrita nos corações (1,18,32, e sobretudo, 2,12-16 a propósito dos gentis).

ça-vida. Os versículos apresentam a culminação e a conclusão de tudo que foi tratado desde o v. 12.

Diante do exposto, fica claro que o que interessa Paulo é a unicidade de Cristo e a superabundância da Graça. Portanto, a unicidade de Adão é relativa. Rm 5, 12-21 precisa ser lido em seu contexto de conclusão de toda a primeira parte da carta. González Faus apresenta o seguinte esquema: a) parte negativa: recusa das obras do egoísmo pagão e rejeição das obras do orgulho judío: “todos pecaram” (3,23). Parte positiva: para o ser humano há salvação no saber-se amado até o fim por Deus que nos foi revelado em Jesus Cristo. Esse saber-se amado, a fé, implica um projeto de Deus para cada ser humano. E isto vale para todos: gentis e judeus. Esse caminho de fé, no saber-se amado por Deus, foi inaugurado por alguém concreto: Jesus Cristo (GONZÁLEZ FAUS, 1991, p. 332-333).

Este caminho de fé no amor é extremamente libertador. Diz que o valor do ser humano está em ser amado por Deus e que é a Graça que o potencializa e o reestrutura para o bem. A Graça, o Dom de Deus, derramado em nossos corações, precisa ser entendida numa perspectiva de relação pessoal a qual possibilita uma resposta de amor. Portanto, a espiritualidade cristã é fundamentada na acolhida do amor de Deus o qual nunca é infértil. O amor de Deus nos abre para a relação de filhos, no Filho, e para a relação de fraternidade e irmandade com os demais e com toda a criação.

O que Paulo parece querer dizer é que toda a humanidade compartilha uma servidão comum ao pecado e à morte. Aqui, não se trata só da mortalidade criada. A morte é o resultado de uma ruptura na criação. O pecado está envolvido no tecido social e é também uma ação imputável de responsabilidade pessoal. No geral, o estado pecaminoso é consequência da recusa da humanidade de reconhecer Deus, da tentativa da humanidade de prescindir de Deus (DUNN, 2003, p. 133).

Por fim, a Igreja, se quiser ser fiel ao projeto de Jesus, precisa ser uma Igreja da graça. Uma Igreja que anuncia o amor de Deus, o perdão e a regeneração do ser humano para o bem. O caminho de Jesus, de fé na fecundidade do amor, é o caminho da salvação e realização para o ser humano. Ele que verdadeiramente nos justifica, nos torna verdadeiramente justos, humanos.

Conclusão

A partir de Rm 5, 12-21 pode-se dizer que o ser humano está mergulhado no amor de Deus potencializador e restaurador. A referência explícita a Adão tem por objetivo inserir toda a discussão numa dimensão universal. O peso da comparação entre Adão e Cristo recai sempre com abundância no segundo. Portanto, o que interessa o autor da Carta aos Romanos é a universalidade de Cristo e sua salvação para o ser humano.

Em Cristo, a graça, o dom de Deus, é derramada em todos os corações independentemente da situação de pecado (Rm 5, 5-8). Por isso, a esperança

cristã é de vida e tem sua origem na intervenção de Jesus Cristo na história humana. Na antítese Adão e Cristo percebemos, no primeiro, a situação da humanidade marcada pelo pecado e a morte e, em Cristo, a vida nova e a Graça de modo infinitamente superior.

Parece que o autor da carta quer dizer que toda a humanidade compartilha uma servidão ao pecado e à morte. Este dado pode ser visto como o pecado no tecido social e na ação imputável de responsabilidade individual. O pecado é resultado da desobediência ou recusa da humanidade de reconhecer Deus. No entanto, cada indivíduo é responsável por suas transgressões (DUNN, 2003, p. 133). Em Cristo, o homem novo, a sorte da humanidade está mudada por saber-se amada por Deus. E esse amor de Deus é fonte de vida nova, pois potencializa o ser humano para viver sua humanidade de modo pleno.

Referências

A BÍBLIA: Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2015.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revisada e ampliada. São Paulo: Paulus, 2010.

BÍBLIA Sagrada: tradução oficial da CNBB. 3.ed. Brasília: CNBB, 2019.

CRANFIELD, C. E. B. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Paulinas, 1992. (Grande Comentário Bíblico).

DUNN, James D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003. 907 p. (Biblioteca de estudos bíblicos).

DUNN, James D. G. *Romans 1-8*. Dallas: Word Books, 1988. lxxii, 513 p. (Word biblical commentary; 38A).

FITZMYER, Joseph A. *Romans: a new translation with introduction and commentary*. New York: Doubleday, 1993.

GONZALEZ FAUS, José Ignacio. *Proyecto de hermano: visión creyente del hombre*. 2. ed. Santander: Sal Terrae, 1991. 751 p. (Presencia teológica; 40).

IRINEU, Santo. *[Contra as heresias]: livros I, II, III, IV, V*. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística; 4).

MAZZAROLO, Isidoro. *A carta de Paulo aos Romanos: educar para a maturidade e o amor*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2006.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *Paulo: biografia crítica*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

NOVO TESTAMENTO interlinear: grego-português. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

PENNA, Romano. *Carta a los Romanos: introducción, versión y comentario*. Navarra: Verbo Divino, 2013. 1358 p. (Comentários al Nuevo Testamento).